

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

O papel da editora Brasiliense na difusão do pensamento de esquerda e nos debates intelectuais e políticos, no Brasil, entre 1979 e 1985.

Andréa Lemos Xavier Galucio - Doutoranda em História-UFF

Desde a graduação em História venho desenvolvendo estudos na área da história editorial brasileira, quando iniciei uma pesquisa sobre a Editora Civilização Brasileira. Prossegui no mestrado com o tema das editoras de esquerda mas enfocando a editora Brasiliense. Atualmente, no doutorado, procuro aprofundar a análise sobre as duas editoras destacando suas atuações no período da abertura democrática, no Brasil.

Ao longo desses estudos tenho defendido que o processo de produção de uma publicação oferece elementos para analisar, historicamente, o projeto político e cultural que está presente numa ação editorial. Neste seminário busco apresentar parte da discussão realizada na dissertação de mestrado sobre a editora Brasiliense, onde objetivou-se analisar as formas pelas quais um grupo organizou e divulgou seu projeto.

Em sua trajetória, em especial, do ano de sua fundação, em 1943, a princípios dos anos 80, a editora Brasiliense apresentou em seu catálogo de publicações uma linha editorial marcadamente de esquerda. Iniciou com a publicação da revista *Hoje - o mundo em letra de forma* onde divulgava temas sobre a realidade brasileira com críticas à ditadura do Estado Novo (1937-1945) e concretizava, naquele ano, o objetivo de Caio Prado Júnior, Monteiro Lobato e Artur Neves de divulgar clandestinamente o material produzido pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). A maioria dos textos era apresentada por autores brasileiros, em boa parte pelos fundadores da revista.

Os organizadores daquela revista não tinham a intenção de ficar só com essa publicação e avançavam em sua iniciativa disponibilizando recursos pessoais e familiares para o empreendimento maior de criar uma editora com objetivo de “*dar voz aos cromatismos e às dissonâncias do pensamento brasileiro, criando um espaço em que os escritores pudessem expressar as suas idéias livremente*”¹.

¹ Iumatti, Paulo Teixeira. *50 anos de Brasiliense (1943-1993)*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.1.

As "dissonâncias do pensamento brasileiro" eram compostas por temas, privilegiados na então editora *Brasiliense*, que tratavam das questões da história recente do país, e em particular referiam-se "à política rural, às leis trabalhistas, à reforma agrária, à política alimentar."²

As publicações da editora caracterizaram-se por defender os interesses da classe trabalhadora questionando não só a questão trabalhista, mas também a questão agrária, pois havia um deslocamento paulatino das atividades econômicas do setor cafeeiro para o setor industrial nesse período. Entre 1945 e 47, tempos de redemocratização no governo Dutra, o PCB saiu da ilegalidade e a editora lançou a revista *Fundamentos*, onde se expressaram as mudanças de orientação de seus autores em relação ao partido, pois as "discordâncias com relação à política do PCB tomavam um caráter cada vez mais explícito"³.

Nesses anos iniciais, então, a editora não apresentou qualquer publicação de grande destaque para o mercado de livros, no entanto, sua livraria, de mesmo nome, tornou-se um importante lugar de encontro para o seu público atraído pela presença de Monteiro Lobato⁴. É só a partir da década seguinte que algumas publicações se tornariam responsáveis pelo sucesso editorial da *Brasiliense*, principalmente, em tempos de crise na editora. Mais do que publicar textos do PCB, a Editora se comprometia com a diversificação de idéias entre a própria esquerda, debatidas por intelectuais que discordavam do modelo político vigente.

Nos anos 50 a editora publicou as *Obras Completas* de Lima Barreto⁵, autor marginalizado até aquele momento, cuja obra era definida pelos críticos da época como expressão de literatura vulgar e simples. No entanto, foi justamente por seu caráter realista e militante, criticando as injustiças na sociedade brasileira, que o escritor pode ser identificado à linha editorial proposta pela *Brasiliense*.

Ainda nos anos 50 a editora publicou a Revista *Brasiliense* (1955 - 1964) que pode ser destacada como uma importante publicação pela contribuição dos intelectuais no debate nacionalista da época. Lançada no período em que o projeto estatal de desenvolvimento econômico passava por significativas mudanças - devido a

² *Idem* p.2.

³ Iumatti, Paulo Teixeira. *50 anos de Brasiliense*, p.2.

⁴ Paixão, Fernando. *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998, p.129.

⁵ Lima Barreto (1881-1922) publicou em vida o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, sua obra mais conhecida, na qual critica, segundo Carlos Nelson Coutinho, o "... modelo de desenvolvimento 'prussiano', pelo 'alto', que o florianismo e o militarismo (tema central do romance) encarnavam tão bem".

participação do capital estrangeiro na promoção do desenvolvimento nacional - a Revista *Brasiliense* reforçava uma posição de contestação à política-econômica do governo de Juscelino Kubistcheck (JK).

Ademais, deve-se lembrar que foi esta Revista que garantiu a retomada das vendas da editora após uma significativa crise⁶ econômica e política em fins dos anos 40. A Revista *Brasiliense*, então criada por Caio Prado Júnior e Elias Neves Neto contou com o apoio de outros intelectuais como Heitor Ferreira Lima, João Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet, que juntos consolidaram:

“...um núcleo sem filiação política ou partidária, em torno do qual vários escritores, médicos e especialistas das mais diversas áreas (...) [pretendiam] ajudar na formação de uma consciência interessada na reorganização de nossa sociedade, levando em conta suas diversidades regionais, de modo a elevar o padrão de vida da grande maioria da população, condição sem a qual seria impossível a formação de uma nacionalidade brasileira.”⁷

A importância da Revista *Brasiliense* pode ser constatada pela presença em seus artigos de uma reflexão de oposição às adequações da economia brasileira ao capital internacional e, portanto, refletia também as posições nacionalistas de alguns setores da esquerda brasileira.⁸

Em 1960 a *Brasiliense* lançou a coleção *Jovens do Mundo Todo*, que publicava romances históricos e editava também livros dos autores da Revista *Brasiliense*. Com o golpe militar de 1964, a Editora continuou defendendo um movimento nacionalista e acompanhando as mudanças do pensamento político de esquerda que fazia uma "autocrítica e revisão das teses da esquerda"⁹, acirrando a discussão na Revista *Brasiliense*.

A partir da ditadura militar, Caio Prado Júnior teve seus vínculos institucionais debilitados devido a sua posição política de esquerda. Desde 1964, ele se afastou gradativamente da *Brasiliense*, e seu filho, Caio Graco da Silva Prado, passou a ocupar diversos postos-chave na Editora. Caio Graco, porém, também acabou sendo atingido

⁶ Essa crise política ocorreu com a cassação do mandato de deputado estadual e a subsequente prisão de Caio Prado Júnior, em 1948, acrescida, ainda, da morte de Monteiro Lobato (sócio-fundador da Editora) e das grandes facilidades de importação do livro estrangeiro, dificultando as vendas do produto nacional.

⁷Beiguelman, Paula. A Revista *Brasiliense* e a expressão teórica do nacionalismo econômico brasileiro. In: . Maria Angela D'Incao (org). *História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo: Unesp e *Brasiliense*, 1989, p.474.

⁸Segundo Vieira, o debate dentro da esquerda brasileira, nesse período, estava "inserido no conjunto do discurso e da política populista" e só será revisto em meados da década seguinte. Luiz Renato Vieira. *Consagrados e Malditos os intelectuais e a editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998, p.39.

⁹ Vieira, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos*, p.39.

pela censura do regime: "Em 1964, ficou preso por dez dias no DOPS por publicar na editora a coleção 'A História Nova do Brasil', dirigida pelo historiador e general reformado Nelson Werneck Sodré".¹⁰ Neste mesmo ano o governo militar determinou "a invasão da gráfica Urupês e a destruição da composição dos exemplares de março/abril da Revista *Brasiliense*".¹¹ A ação estatal sobre as publicações de esquerda mostrava a crescente força da censura, da repressão e da coação.

O golpe militar de 1964 irrompeu, assim, os "...tempos de euforia desenvolvimentista, de acelerada politização da sociedade, de amplos debates sobre a eficácia revolucionária da arte, de explosão de reivindicações dos trabalhadores urbanos e rurais."¹² E, rapidamente, traduziu-se em uma série de medidas de censura que acabaram por restringir a liberdade de expressão. Alguns órgãos e leis foram criados com esse fim, como os atos institucionais desde 1964 e a Lei de Imprensa¹³ em 1967, cerceando publicações, autores e intelectuais até a generalização do controle sobre todas as formas de publicação, a partir do Ato Institucional n.º 5.

O difícil período da ditadura militar arruinou financeiramente algumas editoras e a editora *Brasiliense* passou por esse processo de forma singular na década de 60. Pois ao mesmo tempo em que perdeu textos e autores, também apresentou um certo crescimento econômico. Segundo Iumatti,

"Em 1967, durante o governo Castelo Branco a editora obteve um "lucro superior em 26% em relação ao ano precedente" e publicou a coleção *América Latina - Realidade e Romance* com sucesso (...)". Mesmo assim até 1968 algumas publicações de autores críticos ao regime foram mantidas, como por exemplo, "a coleção *Teatro Universal*, criada em 1965 e dirigida por Sábado Magaldi. Trazendo ao público traduções dos grandes clássicos de dramaturgia, a coleção incluía também autores brasileiros como Jorge Andrade, Nelson Rodrigues e Gianfrancesco Guarnieri."¹⁴

No entanto, esta situação não duraria após 1968 quando foi instaurado o Ato Institucional n.5, que permitia a polícia invadir as gráficas, editoras e livrarias destruindo textos e livros, o que fez com que muitos editores passassem a controlar suas publicações fazendo previamente uma censura nos textos.

Os anos 70 não foram mais fáceis para a *Brasiliense*. Pelo contrário, em 1974, juntamente com o aumento dos preços do papel decorrente da crise do Petróleo de 1973,

¹⁰ "Editor revolucionou mercado nos anos 80". São Paulo: *Folha de São Paulo*, 19/06/1992, p.6.

¹¹ Iumatti, Paulo Teixeira. 50 anos *Brasiliense*, p.6.

¹² Moraes, Dênis de. *A Esquerda e o Golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p.24.

¹³ A Lei de Imprensa proibia a divulgação de matérias que acusassem qualquer pessoa do governo, pois não era considerado como prova de verdade e ainda, dava ao Ministro da Justiça total poder para julgar e apreender jornais e revistas que o fizessem.

¹⁴ Iumatti, Paulo Teixeira. 50 anos de *Brasiliense*, p.6-8.

a Editora passou por sucessivos problemas no mercado editorial e pediu concordata. Acrescenta-se a isso o ônus resultante de uma linha de crediário muito grande que havia feito para o projeto de venda de publicações de porta em porta¹⁵. Segundo Hallewell, "*apesar das vendas aumentarem, as margens de lucro foram sendo cada vez mais comprimidas*"¹⁶, nesse período, para as editoras.

A outra publicação que marcou significativamente um grande momento de destaque da editora *Brasiliense* no campo editorial foi a coleção *Primeiros Passos* (CPP), objeto de estudo neste trabalho, pois restabeleceu econômica e culturalmente a Editora após os duros anos de regime militar. Essa publicação proporcionou a superação da fase em que tiveram seus livros proibidos e queimados - por caracterizarem uma ameaça ao regime militar - e de quando seu proprietário foi feito preso político, como já foi mencionado. Desde 1975, a *Brasiliense* era presidida por Caio Graco Prado, criador da Coleção, possibilitando uma posição de destaque da editora no mercado editorial. Este novo lugar da editora foi garantido pela Coleção *Primeiros Passos* por ter sido o maior sucesso de vendas que ela já havia experimentado.

Em fins dos anos 70, Luiz Schwarcz, recém formado em administração pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, começou a atuar na Editora como estagiário, passando a encarregado e depois diretor editorial, quando Caio Graco Prado presidia a empresa. Sua contribuição foi bastante significativa, já que incentivou a produção de coleções e teve como mérito o "pontapé" inicial para investir mais nesse tipo de empreendimento junto às idéias de Caio Graco em princípios dos anos 80.

Até aquele momento, a editora *Brasiliense* não havia se destacado no mercado editorial com grandes tiragens, mas garantira, principalmente, a publicação de textos de autores do círculo intelectual paulista. Segundo Luiz Schwarcz, a editora publicava para um público particular, o próprio meio intelectual paulista.¹⁷ A mudança ocorreu justamente com a publicação da coleção *Primeiros Passos*, quando Caio Graco Prado passou a perceber o interesse do público jovem e a exigir de seus autores um texto menos acadêmico.

Contudo, as iniciativas da *Brasiliense* não se esgotaram em busca de sua legitimação no mercado editorial, mas também se caracterizaram pelas tomadas de posição na esfera mais ampla da política.

¹⁵ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

¹⁶ Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil*, p.498.

¹⁷ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

A editora *Brasiliense* esteve presente no Encontro da SBPC de 1979, realizado em Fortaleza, com seu estande de livros da área de Ciências Humanas e Sociais. Segundo Luiz Schwarcz, nessa época, as SBPC's eram mais importantes para a *Brasiliense* do que a Feira de Frankfurt¹⁸ pois representavam “*uma ligação do movimento intelectual com a linha de publicação, com a abertura, com o público novo que estava surgindo*”¹⁹. Diante, então, da grande movimentação política de estudantes o editor Caio Graco “*estava percebendo as mudanças e atento ao movimento estudantil*”.²⁰ Ele notou que “*ante a curiosidade brutal da juventude e o discurso..., embora simplificado, havia um buraco imenso, e era preciso preenchê-lo...*”²¹

A *Coleção Primeiros Passos* (CPP) foi criada, nesse contexto, em 1979, por Caio Graco Prado²², com o objetivo de ampliar e divulgar para um público maior o conhecimento sobre temas específicos relacionados àquele momento de transição política. A Coleção apresentava de forma menos acadêmica, porém aprofundada, sob o título “*o que é*”, temas como: capitalismo, socialismo, sindicalismo, dialética, política cultural, ideologia, nacionalidade, tortura, poder, cultura, revolução, ditadura, participação política, imperialismo, entre outros. Buscava-se, assim, estimular o interesse de um público jovem em saber mais sobre esses assuntos para melhor refletir sobre a própria conjuntura.

Inicialmente, os títulos foram solicitados pelo editor aos autores e, posteriormente, vários autores, manifestaram-se e enviaram novas propostas ao editor. Segundo Yolanda Cerquinho Prado²³, atual presidente da *Brasiliense*, este trabalho editorial de Caio Graco era realizado em parceria com Luis Schwarcz, na época funcionário da empresa, até sua saída em 1986 para fundar sua própria editora, a *Companhia das Letras*.

Apesar da semelhança com a coleção francesa “*Que sais je?*”²⁴ o formato da coleção *Primeiros Passos* foi inspirado também, segundo Luiz Schwarcz²⁵, em uma outra coleção, espanhola, denominada *Biblioteca de la Iniciación Política*. Esta coleção fora recomendada por Carlos Knapp, um amigo de Caio Graco que, exilado na Espanha,

¹⁸ A Feira de Frankfurt era o evento de caráter internacional mais importante para o mundo do livro.

¹⁹ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

²⁰ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

²¹ Andreoni, Paola. “Caio Graco Prado: Adoro best sellers”. São Paulo: *VEJA*, 1986, p.194.

²² Caio Graco da Silva Prado (1931-1992), editor da *Brasiliense* e filho de Caio Prado Júnior (1907-1990), proprietário da editora.

²³ Yolanda Prado em entrevista à autora em outubro de 2001.

²⁴ A coleção “*Que sais je?*” foi uma publicação francesa iniciada nos anos 40 do século XX em formato de livro de bolso e com temas gerais.

conheceu a coleção e sugeriu à *Brasiliense* que comprasse os direitos de sua publicação para lançá-la no Brasil.

Tratando-se de uma coleção temática com títulos como "Que es capitalismo?", "Que es socialismo?" Caio Graco solicitou a Luiz Scwharcz que examinasse alguns volumes e fizesse um parecer sobre a publicação da coleção pela *Brasiliense*. Luiz Schwarcz, então, responsável pelo andamento do projeto decidiu não comprar os direitos de publicação. Sustou o pagamento, mas não abriu mão da idéia sugerida naquela coleção e propôs ao Caio Graco criar o mesmo tipo de publicação, porém, com análises baseadas na realidade brasileira, já que aquela primeira retratava, em particular, temas do contexto espanhol. Era o caso do título *que es socialismo* que versava basicamente sobre Felipe Gonzalez, membro do partido socialista espanhol, exemplificava Luiz Schwarcz²⁶.

Com a produção da coleção *Primeiros Passos* a editora *Brasiliense* reuniu um grupo de intelectuais, como Frei Beto, Caio Prado Junior, Marilena Chauí, Dalmo Dallari, Florestan Fernandes_e etc, interessado na realização de debates conjunturais sobre temas sociais²⁷ e preocupado com a participação política, com vistas ao fim da ditadura militar brasileira.

A repercussão financeira da coleção *Primeiros Passos* teve resultados bastante significativos: proporcionou o primeiro *boom* editorial da *Brasiliense* e assegurou à Editora, entre os anos de 1980 e 1984, a venda de 2,5 milhões de exemplares, o que significava, na época, 25% de seu faturamento.²⁸

Além da linguagem simples dos textos para apresentar temas relativamente complexos, o sucesso dos livros da coleção *Primeiros Passos* deve também alguns créditos ao seu formato: pequeno, com média de 90 páginas, como as chamadas edições de bolso, com capas ilustradas e por vezes charges de conhecidos cartunistas - nomes da imprensa alternativa dos anos 70, como Paulo Caruso e Miguel Paiva - e com preços acessíveis, seu formato, assim, garantia que os livrinhos também fossem produtos de

²⁵ Luis Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

²⁶ *Idem*

²⁷ Dentre os projetos editoriais de oposição, além da conhecida imprensa alternativa dos anos 60, criou-se em fins dos anos 1970 e início de 1980, formatos de publicações (por exemplo, as *coleções* publicadas pela editora *Brasiliense*) que marcaram a memória daquela época representando as lutas da sociedade civil. Segundo Marcelo Ridenti este foi um momento de "*refluxo das ideologias revolucionárias*", em que se intensificou "*a ideologia dos novos movimentos sociais, (...) que agora não era mais recuperar e superar aspectos do passado para afirmar novas idéias de povo e nação, mas assegurar uma postura classista, especialmente dos trabalhadores urbanos*". Ridenti, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro, Record, 2000, p.355.

²⁸ Paixão, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, p.172.

mais fácil venda.

É possível associar a idéia de produzir a coleção *Primeiros Passos* justamente a essa função de ser uma leitura inicial para reflexão e participação. A iniciativa do editor Caio Graco ao perceber um público novo no mercado editorial, os jovens da SBPC, e a inspiração proporcionada pela coleção espanhola, o faziam compartilhar da perspectiva de luta pela participação política associada ao conhecimento.

O sucesso de sua iniciativa editorial dependeu, ainda, da pertinência de um determinado programa editorial ao momento cultural e político e às características do público consumidor. Nesse sentido ele tinha o papel de "...conhecer a competência cultural e as categorias de percepção e apreciação do público visado"²⁹. Segundo Caio Graco:

"... no Brasil existe uma ânsia cultural muito grande, milhões de pessoas estão querendo saber, aprender, participar do debate, de todos os debates. E se não participaram até agora é porque muitos acadêmicos se mantiveram na torre de marfim. Agora é preciso romper com isso. Eu acredito que a *Primeiros Passos* ajudou a romper isso. (...) [os acadêmicos] acharam que cultura não é uma coisa para ser divulgada para todo mundo. Onde é que já se viu ficar vulgarizando essas coisas tão complicadas que a gente discute há tantos anos, não é? É um pouco o defeito brasileiro, o elitismo cultural. Uma das minhas propostas como editor é exatamente desmistificar a cultura."³⁰

O editor julgava ter nesse momento o objetivo de estimular uma determinada leitura para os jovens, mas também para todo leitor que pretendesse conhecer certos assuntos um pouco mais. Com a exigência de que os textos da coleção *Primeiros Passos* realmente contemplassem esse conhecimento fundamental, Graco também tornou-se responsável pela recuperação do papel do editor como intelectual, pois naquele momento era "impensável estabelecer esse tipo de diálogo com o autor"³¹, o editor não interferia nos textos. Segundo Luiz Schwarcz se o texto entregue estava difícil ele pedia para ser refeito pelo autor, e alguns até se aborreceram com ele por isso.

Essa interferência do editor para adaptar os textos a um determinado formato atende também ao "modo de leitura" que ele pensava ser o da "clientela almejada."³² No caso da coleção *Primeiros Passos* era justamente o leitor inicial e em particular aqueles

²⁹ Vieira, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos - os intelectuais e a editora civilização brasileira*. Thesaurus, Brasília, 1999, p. 57.

³⁰ Caio Graco citado por Paola Andreoni. "Caio Graco Prado: adoro best-sellers". *Veja*, São Paulo, p.131.

³¹ Luiz Schwarcz em entrevista à autora em outubro de 2002.

³² Sobre o peso das estratégias editoriais nos textos Chartier afirma, por exemplo, que "a especificidade fundamental da *bibliothèque bleu* [coleção de livros francesa chamada de literatura popular] remete às intervenções editoriais operadas sobre os textos a fim de torná-los legíveis para as largas clientelas a que são destinados. (...) as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada." Roger Chartier. *A Ordem dos Livros*. p.20.

jovens, de classe média, ávidos por uma participação política maior, que estavam nas passeatas nas ruas mas também nas livrarias, nos festivais de cinema, no teatro, na universidade.

As características dos autores da Coleção *Primeiros Passos* foram identificadas através da análise das biografias apresentadas no final de cada texto da própria Coleção, escritas, via de regra, pelos próprios autores. Nessas biografias buscou-se identificar: a formação acadêmica do autor; a instituição em que concluiu esta formação; a instituição de atuação profissional; e outras atividades que exerceu. E este último ponto serviu também para destacar as características daqueles autores que não possuíam vínculo acadêmico formal.

Com base nos dados analisados existiram na Coleção autores: sem formação acadêmica, mas especialistas nos temas tratados; pós-graduandos; professores, principalmente universitários; e escritores com atuação política reconhecida. Na análise desses dados biográficos, do período de 1980 a 1985, observou-se que muitos autores da coleção *Primeiros Passos* tiveram sua formação acadêmica e atuação profissional realizadas, predominantemente, em instituições paulistas, com destaque, aqui, para a Universidade de São Paulo (USP), a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/SP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os autores dos dez títulos mais publicados foram: Marilena Chauí, Carlos Rodrigues Brandão, Afrânio Catani, Carlos Benedito Martins, Arnaldo Spindel, Leandro Konder, Ricardo Antunes, José Graziano da Silva e Marília Garcia.

O papel dos intelectuais da universidade se estendeu, para fora do seu espaço. Compartilhando, portanto, do projeto político maior, os autores mencionados também participaram das iniciativas daquele momento. Pois sua aproximação com a *Brasiliense* ocorreu porque além deles produzirem o tipo de texto pedido pela editora - respeitando a exigência do editor de facilitar a sua linguagem para o leitor iniciante daquele assunto - eles compartilhavam efetivamente o projeto de transformação maior da sociedade.

Caio Graco também criou nas livrarias da Editora novos espaços de discussão, ou seja, convidou professores, principalmente, e demais intelectuais para fazer palestras no interior da livraria. Estabeleceu assim uma relação mais direta destes profissionais da Universidade com o público que freqüentava a livraria atraindo, inclusive, novos clientes. Dessa forma, a editora criava um novo espaço cultural que corresponderia a uma “segunda livraria”, porém, com um funcionamento bastante especial, pela sua nova atividade deixando de se limitar à venda de livros. Nas palavras de Caio Graco este

novo espaço funcionaria como uma espécie de “universidade aberta”. Dizia ele:

"a Coleção *Primeiros Passos* sairá do papel impresso e se transformará, dentro da livraria, em aulas práticas para grupos de até 20 pessoas. É possível, portanto, ter Marilena Chauí, ao vivo, dissecando *O que é Ideologia* (seu best-seller na Coleção) ou o economista Paul Singer introduzindo os fundamentos da filosofia."³³

Além das aulas houve também debates que ocorriam em frente à livraria na rua Barão de Itapetininga no centro de São Paulo. Segundo Marilena Chauí,

"Em geral, falava o autor de um livro que estivesse sendo lançado. Ele falava durante uns 15 minutos sobre o livro e as pessoas -convidados e passantes - faziam perguntas ou emitiam opiniões. Era a idéia do Caio Graco de democratizar a cultura e de estimular a leitura de livros. Participava quem estivesse por lá: garis, sem-teto, estudantes, comerciários, professores, escritores, ambulantes."³⁴

Essas "aulas" e debates constituíam-se também numa nova relação ou militância do professor universitário e dos estudantes de pós-graduação que escreveram para a coleção *Primeiros Passos* proporcionando um maior contato deles com os ouvintes para maiores discussões e atuações políticas. Era também uma forma de reunir "*o pessoal da editora e sobretudo os encarregados da coleção Primeiros Passos para ouvir as idéias que os autores pretendiam desenvolver ou tinham desenvolvido nos livros.*"³⁵ Essa aproximação facilitaria o momento em que "*o pessoal da editora deveria ir aos meios de comunicação para falar dos livros e também os ajudava a orientar e escolher novos títulos, a partir de questões colocadas pelos títulos existentes*"³⁶. Há, portanto, o reconhecimento de uma certa autoridade dos estudantes e profissionais da universidade, principalmente da USP, para a apresentação dos temas escolhidos para a coleção *Primeiros Passos*. Isso quer dizer também que houve a identificação desses autores com o projeto da editora, pois "*... o fato de que uma ou mais de uma geração de escritores tenha certos interesses intelectuais e morais e não outros, tal fato indica que uma certa orientação intelectual predomina entre os intelectuais.*"³⁷

A universidade foi o principal canal de veiculação de idéias da Editora, e, principalmente, da Coleção, já que, conforme ficou demonstrado, havia um estreito vínculo dos autores com a universidade, assim como do público leitor. Nota-se ainda, que não apenas os "setores populares" se reorganizavam politicamente mas também os "setores de elite", como intelectuais e empresários que a Editora reuniu.

³³ Graco, Caio. "Novo espaço da Brasileira". Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 26/06/1984, Seção Livro.

³⁴ Marilena Chauí em entrevista à autora em agosto de 2003.

³⁵ Marilena Chauí em entrevista à autora em agosto de 2003.

³⁶ *Idem*

³⁷ Gramsci, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.15.

Ao lançar os primeiros volumes: *O que é socialismo*, *O que é comunismo*, *O que é sindicalismo*, *O que é anarquismo* e *O que é capitalismo*, em 1980, a editora apresentou uma determinada perspectiva política sobre a conjuntura, muito ligada a um viés marxista que entretanto não será a linha exclusiva para a seleção dos demais títulos da Coleção ao longo desses seis anos.

Ao publicar esses títulos a editora fazia o papel de ligar temas da conjuntura nacional com questões universais. Ou seja, tratava das discussões internas a partir do estímulo às leituras de temas mais amplos, não fazendo necessariamente um debate nos volumes, mas oferecendo ao leitor, (indiretamente), um determinado instrumental para análise da política do período. Foram tratadas questões sobre a política brasileira mas não se detinham numa análise exclusiva de algum tema da História do Brasil. Por exemplo, no caso dos títulos *O que é Capitalismo*, *O que é Sindicalismo*, *O que é Socialismo*, *O que é História*, *O que é Indústria Cultural*, primeiramente são abordadas questões da história desses temas na conjuntura internacional para depois tratá-los no Brasil. Desta forma a *Primeiros Passos* já apresentava uma diferença significativa em relação à coleção espanhola que a havia inspirado. Ao contrário da *Biblioteca de la Iniciación Política*, os seus textos não propunham uma análise tão específica sobre o país, mas mostrava, sim, uma determinada perspectiva política mais geral que podia ser aplicada sobre a conjuntura, até mesmo porque vários títulos eram conceituais e não tratavam da política brasileira diretamente, como liberdade, ideologia, dialética, etc

Durante toda sua trajetória, então, a editora *Brasiliense* reuniu intelectuais progressistas de esquerda, desde seus editores até seus autores. A relação do editor Caio Graco com certos movimentos sociais do período da abertura democrática garantiu à editora a continuação de uma linha editorial de esquerda que se construía desde os anos 40 pela direção de seu pai, Caio Prado Júnior.

Diante das novas formações partidárias do período, o editor da *Brasiliense* aderiu a formação do Partido dos Trabalhadores, apesar de não se filiar ao Partido, ele se vinculou às campanhas políticas e aos movimentos culturais que promoviam a repercussão das idéias do PT daquele momento o que o tornou um dos empresários do PT. Segundo Marilena Chauí, "*Caio Graco foi um dos fundadores do PT e, juntamente com Carlito Maia, foi coordenador das campanhas de Suplicy para prefeito, governador e senador. Era ativíssimo no Diretório Municipal de São Paulo.*"³⁸ Esta

³⁸ Marilena Chauí em entrevista à autora em agosto de 2003.

vinculação pode ser observada, ainda, no comentário do presidente nacional do PT na época, Luís Inácio Lula da Silva, quando da morte do editor, anos mais tarde. Ele afirmou: "*O Brasil perde o mais moderno de seus editores. Perdemos um importante companheiro do PT.*"³⁹

É nesse quadro que as iniciativas de Caio Graco, em seu espaço editorial, coincidem com o debate mais amplo que ocorria na sociedade brasileira em prol de um movimento democrático. Verificou-se nas iniciativas do editor o estímulo à organização política e partidária da esquerda, pois além da Editora publicar, ao longo de sua trajetória, títulos e autores importantes para o pensamento de esquerda e nesse momento ter participado da formação do PT, Caio Graco lançou a cor amarela como cor-símbolo do movimento pelas *Diretas-já*.

Em matéria na Folha de São Paulo, Caio Graco dizia que:

"a idéia do uso do amarelo para simbolizar a vontade popular pelas 'diretas já', ele conta ter surgido em janeiro, quando assistia a um telejornal, que mostrava o povo das Filipinas empregando a cor amarela para mostrar que era contra o presidente Ferdinand Marcos". Na reunião do Comitê pró-diretas discutiu-se o lançamento da cor amarela e questionando se não deveria ser verde Graco afirmou: "o verde a gente usa impunemente, por acaso. O amarelo não. Chama mais atenção, é menos comum e a gente pensa antes de usá-lo. Além do mais, é a cor da sabedoria na filosofia oriental."⁴⁰

O forte apoio à campanha das *Diretas Já* remete, novamente, ao peso das eleições para o processo democrático naquele momento, ou melhor, da ênfase que lhe foi dada pelos diversos setores, inclusive do editor e dos intelectuais da editora *Brasiliense* ao divulgarem a cor amarela como símbolo desse movimento.

O período de produção da coleção *Primeiros Passos* coincide com o chamado processo de democratização. É justamente nesse período que a sociedade brasileira em seus diversos setores ampliou significativamente suas formas de participação política. A contribuição do editor ultrapassou seu campo de atuação específico - de empresário do livro, de incentivador cultural, sobretudo em suas escolhas de temas, autores e leitores - e tornou-se também um articulador da reorganização da esquerda, em princípios da década de 80.

A proposta para o seminário foi de mostrar, em linhas gerais, uma pesquisa que buscou resgatar o projeto político-cultural de uma editora comprometida em publicar o pensamento de esquerda no Brasil. A importância da coleção *Primeiros Passos* não se deve simplesmente ao fato dela ter garantido à editora *Brasiliense* uma nova posição no

³⁹ "Caio Graco: vítima de uma paixão." Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 19/06/1992.

⁴⁰ "Caio Graco, o homem do amarelo, crê nas diretas." São Paulo: *Folha de São Paulo*, 19/04/1984.

mercado editorial, mas, principalmente, porque em sua produção foi organizado um grupo de agentes que defendeu um projeto de democracia cultural para o país.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1984.
- CHARTIER, Roger. A Ordem dos Livros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Unesp, 2001.
- DREIFUSS, René. 1964 - A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- _____. O Jogo da Direita. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). Livros, Editoras e Projetos. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. Cadernos do Cárcere (volume 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
- INCAO, Maria Angela D` (org). História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior. São Paulo: Unesp e Brasiliense, 1989
- IUMATTI, Paulo Teixeira. 50 anos de *Brasiliense*. São Paulo: *Brasiliense*, 1993.
- _____. Caio Prado Júnior, historiador e editor. Tese de Doutorado. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- KECK, Margaret E. PT, a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 1991.
- MENDONÇA, Sônia Regina de & Fontes, Virginia Maria. História do Brasil Recente-1964-1992. São Paulo: Ática, 1996.
- MENEGUELLO, Rachel. PT: a formação de um partido (1979-1982). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MORAES, Dênis de. A Esquerda e o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- PAIXÃO, Fernando. Momentos do Livro no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- PÉCAUT, Daniel. Os Intelectuais e a Política no Brasil. São Paulo: Ática, 1990.
- REIMÃO, Sandra. Mercado Editorial Brasileiro (1960-1990). São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.
- RIDENTI, Marcelo. Em Busca do Povo Brasileiro - artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SINGER, Paul, BRANT, Vinicius C. (Orgs). São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis: Vozes, 1980.
- VIEIRA, Luiz Renato. Consagrados e Malditos - Os Intelectuais e a Editora Civilização Brasileira. Brasília: Editora Thesaurus, 1998.